

---

## Territórios e tessituras de encontros, pesquisas e escutas em Educação Popular e Agroecologia: diálogos com Carlos Rodrigues Brandão

## Territorios y tipos de encuentros, investigación y escucha em Educación Popular y Agroecología: diálogos com Carlos Rodrigues Brandão

Luana Patrícia Costa Silva \*

Lanna Cecília Lima de Oliveira \* 

Alexandre Eduardo de Araújo \*\* 

Albertina Maria Ribeiro Brito de Araújo \*\* 

### Resumo

Esse estudo é um convite a refletir sobre os ensinamentos de Carlos Rodrigues Brandão. Nesse sentido, propomo-nos a apresentar reflexões sobre a práxis da Pesquisa Participante a partir da Educação Popular e da Agroecologia sob a luz dos diálogos com Carlos Rodrigues Brandão. Considerando que a Educação Popular e a Agroecologia manifestam-se enquanto alicerces do que vamos chamar de projeto de sociedade, construímos um ensaio dissertativo a partir de bases teórica, prática e epistemológica, fundamentado em um arcabouço de obras do educador Brandão (1985, 1986, 1995, 2002, 2007) e outros estudiosos. Pautamo-nos também nas experiências realizadas no Território Agroecológico da Borborema, na Paraíba. Tais experiências – de ensino, pesquisa e extensão – são compreendidas enquanto instrumentos de resistência de classe, pautadas na participação popular. Apontamos aqui um viés que rompe a lógica *para* e passa a construir *com*, a partir de olhares oriundos de distintos espaços de construção do conhecimento agroecológico e do diálogo de saberes, estes, que se materializam nos territórios e andarilhagens do educador popular Carlos Rodrigues Brandão, em sua vida e obra.

**Palavras-chave:** Pesquisa Participante; extensão; Educação Popular; Agroecologia.

### Resumen

Este estudio es una invitación a reflexionar sobre las enseñanzas de Carlos Rodrigues Brandão. En este sentido, proponemos presentar reflexiones sobre la praxis de la Investigación Participativa desde la Educación Popular y la Agroecología a la luz de diálogos con Carlos Rodrigues Brandão. Considerando que la Educación Popular y la

---

\* Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Formação de Professores. Amargosa, BA, Brasil. E-mails: [luanacosta@ufrb.edu.br](mailto:luanacosta@ufrb.edu.br); [lannacecilia@ufrb.edu.br](mailto:lannacecilia@ufrb.edu.br).

\*\* Universidade Federal da Paraíba. Centro de Humanas, Sociais e Agrárias. Bananeiras, PB, Brasil. E-mails: [alexandreduardodearaujo@hotmail.com](mailto:alexandreduardodearaujo@hotmail.com); [albertinari@hotmail.com](mailto:albertinari@hotmail.com).

Agroecología se manifiestan como fundamentos de lo que llamaremos un proyecto de sociedad, construimos un ensayo de disertación basado en bases teóricas, prácticas y epistemológicas, a partir del marco de los trabajos del educador Brandão (1985, 1986, 1995, 2002, 2007) y otros académicos. También nos basamos en experiencias realizadas en el Territorio Agroecológico de Borborema, en Paraíba. Tales experiencias - enseñanza, investigación y extensión - se entienden como instrumentos de resistencia de clase, basados en la participación popular. Señalamos aquí un sesgo que rompe la lógica y comienza a construir, desde perspectivas provenientes de diferentes espacios de construcción de saberes agroecológicos y de diálogo de saberes, estos, que se materializan en los territorios y andanzas del educador popular Carlos Rodrigues Brandão, en su vida y obra.

**Palabras clave:** Investigación Participante; Extensión; Educación Popular; Agroecología.

---

## **Introdução**

Brandão nos ensina a ouvir. A ouvir Léo, de cinco anos, Dona Celina, Seu Anselmo, Dona Lôra. A ouvir Amanda, Suênia, Joana. A uma escuta atenta na fala da professora Anginha, da professora Edigleuma. Escuta que nos permite aprender com a fala calcada na militância de Adeilza e com o ânimo do jovem Moisés. Assim como na Partilha da Vida, em que Brandão (1995) observou que "ali e por toda a parte homens e bois tiveram que aprender a viver juntos", nós aprendemos com Léo, no assentamento Zé Marcolino, a partir do olhar de Brandão, a capturar os sentidos e significados na pesquisa sobre as *possibilidades Pedagógicas da Palma Forrageira, através do diálogo de saberes para convivências com o Semiárido*.

Brandão nos ensina a fazer *trabalho de campo* e a construir uma pesquisa que rompe com as lógicas postas de construção do conhecimento, pois essa pesquisa ensina a escutar e, assim, transpõe as lógicas impostas de distâncias, pesquisador *versus* pesquisado, construtor do conhecimento *versus* objeto do conhecimento, sendo a pesquisa "uma porta de entrada a uma reflexão, com base empírica, sobre símbolos, gestos e significados nas relações entre homens e mulheres do mundo agropastoril tradicional" (Brandão, 1995).

A pesquisa, para Brandão, é um território de encontro. É construir conhecimento calcado pelo tempo do outro entremeado pelo nosso próprio tempo... Não o tempo acadêmico, mas o de um pesquisador que se desafia a pensar por outra margem do rio, pois "a vida e os rios são cheios de surpresas" (Brandão, 2002), e nós estamos nessa outra

margem: "ora, na margem de um outro lado do mesmo rio estamos nós. Estão os que dizem: "um outro mundo é possível". Nós, que também pensamos e queremos praticar uma "outra educação". Uma séria aventura de aprender-e-ensinar inovadora, criativa, crítica" (Brandão, 2002, p. 16).

Brandão vai costurando, no decorrer de seus vários escritos, um movimento pautado na compreensão da pesquisa enquanto um instrumento político de resistência de classe, alicerçado na participação por um viés que rompe a lógica *para* e passa a construir *com*, a partir de olhares que partem dos terreiros, dos quintais, do roçado, da cozinha. Sendo assim, compreende-se que a pesquisa é diálogo de saberes e que o saber popular distribui-se por todos os setores em seus modos de vida e este universo de saberes e reprodução popular do saber tem como principal viés a articulação (Brandão, 1986, p. 166-168).

Alicerçados nas perspectivas do professor Carlos Rodrigues Brandão, desafiamos, a partir dos nossos territórios de atuação, a dialogar com as proposituras intelectuais desse educador popular e com a sua grande colaboração no campo da pesquisa participante, a fim de compreender, como os nossos movimentos de construção do conhecimento, escuta e imersão tiveram alicerces com a sua teoria e a sua prática. O educador Carlos Rodrigues Brandão possui experiência em antropologia camponesa, cultura popular, etnia e educação, com mestrado em Antropologia e Doutorado em Ciências Sociais. Nesse sentido, nosso objetivo é apresentar reflexões sobre a práxis da Pesquisa Participante a partir da Educação Popular e da Agroecologia sob a luz dos diálogos com Brandão.

### ***Entrelaçamento entre Educação Popular e Agroecologia enquanto Territórios de construção do conhecimento***

A Educação Popular e a Agroecologia manifestam-se enquanto alicerces do que vamos chamar de *projeto de sociedade*. Um amplo campo de pesquisas que se aproxima do entendimento das comunidades tradicionais via um mergulho antropológico, redimensionando a forma de lidar com as práticas de pesquisas verticalizadas e vazias que há muito tomou conta das ciências. As pedagogias críticas, pensadas a partir das concepções elencadas por Mejía (2018), têm seus pressupostos na proposição dialógica a partir da Educação Popular e no território latino-americano, e é fincando os pés e todo

nosso corpo nesse lugar de fala que traçamos tais diálogos, pensando essa interlocução enquanto projeto e "concepção de Educação, que como tal, tem práticas, metodologias, teorias, enfoques, pedagogias e uma opção ética de transformação" (Mejía, 2018, p. 18).

Oscar Jara (2020) aponta que a Educação Popular, em sua gênese, vai se afirmar a partir de uma filosofia da práxis educativa, através de ações político-pedagógicas centradas no "ser humano como sujeito histórico criador e transformador que se constrói socialmente nas relações com outros seres humanos e com o mundo" (p. 25). Sustenta-se, portanto, por meio de "uma pedagogia crítica e participativa, que busca o desenvolvimento completo de todas as capacidades humanas: cognitivas, psicomotoras, emocionais e valorativas" (Jara, 2020, p. 25), sendo compreendida, assim, enquanto *concepção educativa*.

Assim, corroboramos as ideias apresentadas, partindo do pressuposto da Educação Popular enquanto *concepção de educação* que vem alimentando um *novo paradigma educacional* e possibilitando a construção de alicerces sólidos para um debate teórico, prático e epistemológico. Nesse sentido, aprendemos com Brandão a avistar o horizonte da Educação Popular, o horizonte que aponta a possibilidade de "realizar-se uma transformação da ordem social dominante, em um mundo solidário de igualdade e justiça" (Brandão, 1986). Compreendemos esse debate vinculado à Agroecologia, que, por sua vez, apresenta-se como uma ciência contra hegemônica, que dialoga diretamente com os princípios e concepções da Educação Popular. Brandão é um dos que vai nos chamar para construir esse debate sobre o *Entrelaçamento entre Educação Popular e Agroecologia enquanto territórios de construção do conhecimento*.

No ano de 2014, o professor Carlos Rodrigues Brandão (Figura 1) ministrou o curso "Enlaces nas Pesquisas com Educação Popular e Agroecologia", no Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias da Universidade Federal da Paraíba (CCHSA/UFPB), Bananeiras, Paraíba.

**Figura 1:** Carlos Rodrigues Brandão ministrando o curso “Enlaces nas Pesquisas com Educação Popular e Agroecologia”, em agosto de 2014



**Fonte:** Registro dos autores

O curso teve a intencionalidade de contribuir com uma formação pautada em uma práxis pedagógica que nos permitiu aprofundar formas de pensar e realizar a Educação Popular em nossos territórios, materializando-se em nossas práticas de pesquisa, ensino e extensão, enquanto educadores e pesquisadores populares. Em seus diálogos introdutórios, Brandão sinaliza:

Devemos pensar a Educação Popular, Educação Ambiental e a Agroecologia como um entrelaçamento... O que eu quero dizer, se nós somos tomados não só nos nossos campos profissionais de veterinária, de pedagogia, de agroecologia... nós também precisamos chamar os nossos campos de inserção, de Militância, ligados aos movimentos sociais [...] A gente tem consciência que esse campo que nós trabalhamos ele tem várias dimensões... eu posso estar inserido em uma dessas áreas (aponta para o esquema), na verdade, tudo isso tem um enlace, as vezes mais próximo e às vezes mais distante, por outro lado essas grandes áreas elas se desdobram... do nosso ponto de vista, vamos pensar em uma educação integral, inclusiva, popular e do campo e etc (Brandão, 2014<sup>1</sup>).

---

<sup>1</sup> Brandão fala no curso "Enlaces nas Pesquisas com Educação Popular, Educação Ambiental e Agroecologia".



de uma rede que se entrelaça a partir da Agroecologia, da Economia Solidária, da Educação Popular, em que os sujeitos são a força motriz, e a ação social são os “fios” dessa rede. Uma rede que vislumbra outras racionalidades para o tempo presente e futuro e que busca cumprir as tarefas indicadas por Petersen (2015) enquanto urgentes: “Defender as memórias e cultivar as sabedorias”.

Esse movimento de denúncias e anúncios aponta-nos caminhos pelos quais devemos trilhar para a superação do paradigma atual. Dentre os caminhos, acreditamos na potencialidade da Educação Popular e da Agroecologia. Uma educação cujo objetivo é propiciar a humanização e a libertação dos sujeitos que sofrem com as opressões políticas, econômicas e culturais (Brandão; Assumpção, 2009, p.10), bem como na necessidade da consolidação da Agroecologia, que se constrói apoiada na valorização dos recursos locais e nas práticas e métodos tradicionais de manejo produtivo dos ecossistemas, dando-se sua evolução como ciência quando são criadas condições favoráveis para o diálogo e a troca de experiências e saberes (Quintero; Baldini, 2018, p. 31).

O encontro em 2014 com Brandão semeou sementes sobre os princípios que permeiam a pesquisa, levando em consideração essas duas categorias importantes, Educação Popular e Agroecologia, Consideramos frutos dos "Enlaces nas Pesquisas com Educação Popular e Agroecologia" as nossas práticas educativas e ações ancoradas neste fértil campo de conhecimento, que é base fundante do nosso exercício profissional/educador, que se fazem e refazem.

### **Como a pesquisa participante instrumentaliza nossa prática em campo – Breves Notas**

Brandão foi nos apresentando caminhos de como sistematizar a organização no tempo presente, por meio de pesquisas que passam a dialogar com os sujeitos, estes, que resistem e constroem em distintos territórios. O autor reforça que "as alternativas *de pesquisa* (grifo nosso) participativa se reconhecem vinculadas de algum modo com a Educação Popular. Através dela, elas se identificam como um serviço ao empoderamento dos movimentos populares e de seus integrantes" (Brandão; Borges, 2008).

É a partir dessa dinâmica prático-científica que traçamos um recorte temporal de uma década (2012 a 2022) de atividades desenvolvidas por um coletivo de educadores

populares na Paraíba. Vamos montando essa *rede* a partir de algumas experiências do Território Agroecológico da Borborema, localizado na Paraíba, a fim de compreender como a pesquisa ação participante instrumentaliza nossa prática.

Compreendemos o Território a partir das Perspectivas de Milton Santos (1999), enquanto um "Território usado". Nessa perspectiva o Território Agroecológico da Borborema constitui-se a partir do seu uso, materializado pelas identidades das juventudes, das mulheres e dos vários camponeses e camponesas que se retroalimentam cotidianamente de histórias de luta e resistência, dos saberes e fazeres acumulados e partilhados entre as gerações.

Estimulados pela sensibilidade de ocupar o espaço, pelo olhar atento e a forma de mergulhar no universo do trabalho de campo, seguimos pelas orientações de Brandão (2007), que nos ensinou minuciosamente:

Eu costumo chegar na região onde vou pesquisar e, dependendo do tempo que eu tenha, costumo passar algum tempo de “contaminação” com o local, ou seja, procuro não entrar diretamente numa relação de pesquisa. [...] Conviver, espreitar dentro daquele contexto o que eu chamaria o primeiro nível do sentir, sentir como é que o lugar é, como é que as pessoas são, como é que eu me deixo envolver. Isso é muito bom, porque faz com que a gente entre pela porta da frente e entre devagar. E, por outro lado, é bom também porque essa lenta entrada, eu diria essa mineira entrada, não tem aquela característica de um trabalho invasor em que as pessoas se sentem de repente visitadas por um sujeito que mal chegou ao lugar, saltou do carro e começou a aplicar um questionário (Brandão, 2007, p. 12-13).

A base teórica fundamentada por Brandão assenta-se em nossas formações e passa a fazer parte das nossas práticas, fazendo-nos olhar o rio, o movimento das crianças, a organização da comunidade, as práticas das mulheres, os múltiplos significados de uma planta, o curso do rio, os bichos, o terreno... *faz mais do que olhar, faz a gente reparar.*

Nesse exercício de *reparar*, passamos a aprofundar a práxis da Educação Popular a partir das experiências de educadoras, educadores/extensionistas. As inquietações provocadas pelos ensinamentos de Freire (1985), em *Extensão ou Comunicação*, centram a participação entre os sujeitos e o ato de pensar na comunicação/participação implicada na reciprocidade, atreladas à compreensão de que o processo de construção do conhecimento vai além do olhar raso. Assim, os diálogos com Freire e Brandão contribuíram para que construíssemos história no Território Agroecológico da Borborema, junto às juventudes camponesas presentes em distintas comunidades da Paraíba.



Nessa perspectiva, algumas das vivências mais significativas do grupo deram-se a partir de três cursos de formação em Agroecologia realizados pelo coletivo de educadores/pesquisadores da UFPB, *Campus Bananeiras*, em parceria com organizações e movimentos presentes no Território. Podemos considerar os Cursos “Agentes de Desenvolvimento Sustentável” (2012), “Residência Agrária Jovem” (2015-2018) e “As Cores dos Solos” (2018-2019), como espaços de articulações e construção do conhecimento, além do fortalecimento da juventude camponesa no Território Agroecológico da Borborema. Importante destacar que esses espaços de formação possuíam, enquanto pressupostos, a práxis em um diálogo indissociável entre ensino, pesquisa e extensão.

Os cursos possuíam como eixo articulador as práticas participativas e agroecológicas, sustentadas pela perspectiva da dialogicidade. Foram ofertados para jovens de comunidades camponesas, comunidades tradicionais, quilombolas, das regiões litorâneas, sertão, alto sertão, agreste e Borborema do Estado da Paraíba. Os jovens, em sua maioria, vinculam-se a movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Polo Sindical da Borborema, Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Movimento dos Atingidos Por Barragens (MAB), dentre outros. Destaca-se que os encontros também eram pensados junto a esses coletivos e organizações, por docentes, discentes e educadores populares presentes no território. As formações se davam em caráter de alternância e eram ministradas por estudantes em formação, educadores populares e professores da UFPB.

Por se dar em alternância, os jovens passavam parte do tempo na comunidade e outra parte da escola, em distintos tempos formativos. Nesse processo, foram desenvolvidas pesquisas e construídos projetos coletivos pela juventude, que atuaram enquanto multiplicadores em suas comunidades. Diversas pesquisas foram realizadas por estudantes de graduação, mestrado e doutorado. É importante destacar que todas elas possuíam abordagens participativas, compreendendo a necessidade de imersão nas comunidades dos educandos e buscando elucidar como esses processos eram materializados no dia a dia em campo. Como fruto das pesquisas, tivemos a produção de TCCs, dissertações, teses, dois livros e diversos artigos, que sistematizam as experiências vivenciadas nos três cursos de formação.

É importante destacar que muitos dos autores são os próprios jovens, que ora não

se sentiam parte do campo, possuindo uma identidade extremamente fragilizada, mas que, a partir das formações, passam a se identificar com a perspectiva camponesa, ocupando verdadeiramente suas comunidades, ocupando as universidades e construindo ciência com os pés fincados em seus territórios, do litoral ao alto sertão da Paraíba... no assentamento Celso Furtado, em Remígio; no Quilombo Caiana do Crioulos, em Alagoa Grande; na Comunidade Serra da Jurema, em Guarabira, Paraíba; no Assentamento Zé Marcolino, na Prata – todas estas localidades paraibanas.

"A Educação Popular é uma forma de trabalho a serviço de interesses e projetos das classes subalternas, que, nem por isso, deixa de ser sistemática e de exigir metodologias adequadas" (Brandão, 1986). Neste sentido, é importante refletir o papel das metodologias participativas nas formações apresentadas, que buscavam, enquanto perspectivas, a dialogicidade e a participação dos sujeitos envolvidos, por meio de instrumentos metodológicos, tais como a formação da Comissão Política e Pedagógica; os Núcleos de Base, enquanto essência das discussões; a proposição do Diário de Campo, enquanto ferramenta de sistematização; Projetos de Vida para o exercício da construção coletiva de propostas de intervenção em suas comunidades; os Intercâmbios de saberes que materializam a troca de experiências entre coletivos de distintos contextos territoriais; a Mística enquanto elemento que infla a luta, dentre outros processos metodológicos inspirados no Método Pedagógico do Instituto de Educação Josué de Castro<sup>2</sup>.

Nos cursos, os jovens puderam compreender o campo a partir de suas potencialidades e possibilidades, passando a ressignificar suas identidades e memórias. A formação forjou-se nos pressupostos da contextualização enquanto princípio orientador, por meio de práticas pedagógicas que partem da comunidade e das práticas locais, para, posteriormente, provocar a compreensão de espaços macros, estes, que possibilitam a camponeses e camponesas o acesso a uma educação libertadora e emancipatória, por meio de ações de ensino, pesquisa e extensão e da construção de uma Universidade e uma Escola Popular e Camponesa.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://mst.org.br/download/mst-cadernos-do-terra-no-09-instituto-de-educacao-josue-de-castro-metodo-pedagogico/>. Acesso em: 03 set. 2023.

## Considerações finais

Freire (1983) afirma que a educação é comunicação, é diálogo, é um encontro de interlocutores que buscam a significação dos significados. Encontramos o significado da educação a partir de um mergulho nos ensinamentos de Carlos Rodrigues Brandão, que vem orientando nosso exercício profissional e humano.

Incentivadas pelo olhar sensível, fala doce e prática leve, continuamos a construir e considerar esses tantos saberes, nas pesquisas sobre sentidos e significados, acreditando numa ciência a serviço do *bem viver*. Ciência que é construída na interação dialógica dos saberes e respeito às culturas e modos de vida, como assim nos ensina Brandão.

Nas falas de Brandão, ouvimos muitas vozes. Vozes de pessoas que ele parou para escutar. E, escutando, aprendeu, apreendeu e nos ensinou. Aprendemos a apreender a partir da escuta, dos falares, dos fazeres de tantas pessoas. Foi assim que rompemos com o difusionismo, com os monólogos e com os pedestais que nos separavam. Rompemos em marcha coletiva e, marchando coletivamente, construímos saberes e ressignificamos realidades. Transformamos nos transformando em movimento, em ação.

Articular a Pesquisa Participante a partir da Educação Popular e Agroecologia sob a luz dos ensinamentos de Brandão é uma tarefa difícil e ousada, sabemos. Mas sabemos também que é nosso dever sistematizar, para fazer ecoar nosso profundo agradecimento à existência desse educador que nos deixa um legado complexo e, ao mesmo tempo, bonito. O compromisso de espalhar as sementes da Paixão do Território Agroecológico da Borborema e as sementes de saber de Brandão. Assim, seguiremos plantando e colhendo junto aos camponeses e camponesas, às juventudes, às crianças e aos educadores populares comprometidos com "a necessidade de preservar a consciência do "imatuross" o que os "mais velhos" consagram e, ao mesmo tempo, o direito de sacudir e questionar tudo o que está consagrado, em nome do que vem pelo caminho" (Brandão, 1985, p. 110).

## Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação?** Editora Brasiliense. 15. ed. Coleção Primeiros Passos, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Vida ou Morte? Esperança ou Desespero? *In:*

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; CHAUI, Marilena; FREIRE, Paulo; ALVES, Rubem; ARROYO, Miguel; COELHO, Ildeu M. **O Educador: Vida e Morte**. 7. ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1986. 137p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A partilha da vida**. São Paulo: Geic; Cabral, 1995, 273p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação Popular na Escola Cidadã**. Editora Vozes, Petrópolis, 2002. 455p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, jan./jun. 2007, p. 11-27. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1719>. Acesso em: 15 set. 2023. DOI: <https://doi.org/10.5216/sec.v10i1.1719>

BRANDÃO, Carlos Rodrigues.; BORGES, Maristela Correia. **A pesquisa participante**: um momento da educação popular. *Revista de Educação Popular*, Uberlândia, v. 6, n. 1, p.53-62, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988>. Acesso em: 15 set. 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPCÃO, Raiane. **Cultura rebelde**: escritos sobre a educação popular ontem e agora. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009. 107 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 93 p.

JARA, Oscar. **A Educação Popular latino-americana**: história e fundamentos éticos, políticos e pedagógicos. São Paulo: Ação Educativa; CEAAL; ENFOC, 2020. 268p.

MEJÍA, Marco Raúl. **Educação e Pedagogias Críticas a partir do Sul**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. 315p.

MST. **Como fazemos a Escola de Educação Fundamental**. Caderno de Educação nº 9. 1. ed., 1999. Disponível em: <https://mst.org.br/download/mst-cadernos-do-terra-no-09-instituto-de-educacao-josue-de-castro-metodo-pedagogico/>. Acesso em: 03 set. 2023.

PETERSEN, Paulo. Agroecologia: um antídoto contra a amnésia biocultural. *In*: TOLEDO, Víctor Manuel; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural**: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015. 272 p.

QUINTEIRO, Mariana; BALDINI, Karla Beatriz Lopes. Agroecologia e as práticas tradicionais: reconhecendo os saberes ancestrais. *In*: SANTOS, M.G.; QUINTERO, M., **Saberes tradicionais e locais**: Reflexões etnobiológicas. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 28-49. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788575114858.0004>

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. **GEOgraphia**, ano 1, n. 1. 1999. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13360>. Acesso em: 20 set. 2023.

STRECK, D. R.; ADAMS, T. Lugares da participação e formação da cidadania. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, v. 6, n. 1, jan.-jun. 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/download/24/1588>. Acesso em: 20 set. 2023. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2006.1.24>

ZIBECHI, Raúl. Elementos da Reconstrução Epistemológica. *In*: STRECK, Danilo R. e ADAMS, Telmo. **Pesquisa Participativa, Emancipação e (Desc)colonialidade**. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2014. 152p.

Recebido em 16/10/2023.

Aceito para publicação em 16/02/2024.